

MEMÓRIA E ORALIDADE NA ESCRITA DA HISTÓRIA LOCAL DE PALMEIRA DOS ÍNDIOS¹

Ricardo Silva dos Santos²

Introdução

A história contemporânea trouxe grandes desafios ao historiador. Hoje, a agilidade das transformações impõe as sociedades um ritmo mais intenso. Diversos pesquisadores sociais, inquietados com o desenvolvimento das ciências humanas no quadro das novas tecnologias vêm-se apanhados por uma gama gigantesca de informações, significados e símbolos que a cada momento são revitalizados, reconstituídos e resignificados.

O processo civilizatório da modernidade corporificado em tendências globalizantes visa homogeneizar modelos econômicos, políticos, sociais e culturais dentro dos padrões pré-estabelecidos pelos países hegemônicos no panorama mundial.

Fugindo a esse processo, na busca de uma visão holística que ultrapasse o imediatismo e o “neocolonialismo” que têm feito desaparecer grupos de convívio e memórias importantes à formação identitária de uma região, os historiadores recorrem aos caminhos da história oral para preservar testemunhos capazes de fornecer um sentido às experiências individuais e coletivas vivenciadas no passado. Como disse Marco Aurélio Santana (LEMONS, 2000): a construção da cidadania, garantindo uma cidade-cidadã, não pode prescindir da construção e preservação da memória dos grupos, uma vez que ao abrir espaços para a inclusão de novos patrimônios a cidadania produz sua memória.

Idéia que nos remete a Nestor Canclini (1994) ao entender o patrimônio cultural não apenas como monumentos arquitetônicos, mas, sobretudo como uma rede de solidariedades, ou seja, um lugar de cumplicidade social que não tem por fim último perseguir a autenticidade, mas reconstituir a verossimilhança histórica através de linguagens, conhecimentos, tradições e modos de usar os bens e espaços físicos.

Logo, o Projeto *Memória e Identidade Alagoana, a oralidade na constituição do patrimônio cultural do Estado*, objetiva a realização de entrevistas com alguns alagoanos (as) – intelectuais, médicos, jornalistas, advogados, religiosos, dentre outros – nos municípios de Maceió, Arapiraca e Palmeira dos Índios, pretendendo constituir um acervo digitalizado

¹ Trabalho apresentado no Simpósio Temático “História Local Para Além das Fronteiras: Fontes de Pesquisa e Metodologia Aplicada”, durante o XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PB, realizado no Campus da Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras (PB), entre 23 e 28 de julho de 2006.

² Graduando em História pela Fundação Universidade Estadual de Alagoas (FUNESA), campus da Escola Superior de Ciências Humanas e Econômicas de Palmeira dos Índios (ESPI); bolsista de Iniciação Científica FAPEAL, vinculado ao Núcleo de Estudos Argonautas (NEAR) sob a orientação da professora Ms. Janaina Cardoso de Mello.

capaz de transformar essa memória oral em um *corpus* organizado para servir como base de dados auxiliar em pesquisas, monografias, dissertações, teses ou para além delas..

Memória, oralidade e reconstituição histórica: teoria e metodologia

Paul Thompson (1992) já havia detectado o valor das fontes orais na história social moderna. Isto porque a oralidade proporciona presença histórica e reconhecimento àquelas pessoas cujos pontos de vista e valores foram descartados pela 'história vista de cima' na vigência da hegemonia de dados rankeana que privilegiou o registro oficial das ações políticas dos altos representantes da hierarquia sócio-econômica e cultural.

Consistindo a história oral no instrumental que pode reconstituir melhor os particulares triviais das vidas das pessoas comuns sendo utilizada para confirmar outras fontes, nos deparamos com a efemeridade de seus guardiões, em sua maioria já na terceira idade, anônimos ou ilustres esquecidos em seu próprio grupo, mas com um potencial extraordinário de rememoração.

Como enfatizou Ecléa Bosi (1979): há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo; neste momento de velhice social resta-lhe uma função própria – a de lembrar – a de ser a memória da família, do grupo, da instituição...

Assim, ao almejarmos constituir um acervo material que possibilite transformar essa memória regional volátil em um arquivo histórico digitalizado a ser incorporado ao patrimônio cultural do estado de Alagoas, acreditamos estar contribuindo não apenas para a valorização de homens e mulheres que foram lançados ao obscurantismo da contemporaneidade, mas colaborando, sobretudo para lhes oferecer através desse projeto um espaço de preservação ao legado de suas vidas – o conhecimento – configurando-o em herança para o aprendizado de gerações presentes e futuras.

O projeto de pesquisa *Memória e Identidade Alagoana, a oralidade na constituição do patrimônio cultural do estado* desenvolve suas atividades em quatro etapas:

1) **Discussão teórica-metodológica:** a coordenadora responsável, os pesquisadores associados, junto com o bolsista realizaram uma discussão teórica e metodológica sobre o projeto, no que diz respeito aos conceitos de memória, identidade e uso da história oral como instrumento de coleta de dados para história regional de Alagoas. Acreditamos que esta etapa do projeto foi essencial tanto para o entendimento, sobretudo dos alunos estagiários, no que tange os caminhos teóricos seguidos pelos professores comprometidos com o projeto, como também para oferecer ferramentas teóricas e metodológicas para o exercício da prática do trabalho com entrevistas.

2) **Realização de entrevistas:** Consiste basicamente na coleta de informações do universo selecionado (doze alagoanos (as): 4 em Maceió, 4 em Arapiraca e 4 em Palmeira dos Índios), acondicionando os depoimentos em fitas magnéticas por meio de gravador. São previstas de cinco a dez horas de gravação para cada entrevistado.

3) **Organização do material recolhido e tratamento:** nesta fase está sendo feita a transcrição das entrevistas gravadas, digitação do material, retorno aos entrevistados para revisão e permissão para utilização de seus depoimentos, confecção de biografias, organização do material para publicação e inserção na *homepage* da FUNESA.

4) **Digitalização e doação:** Gravação dos registros sonoros em CD-R, realização de cópias para manutenção de estudos e consultas públicas no **Núcleo estudos Argonautas** (NEAR) da FUNESA – FFPA/ESPI; entrega de cópias para representantes do MISEAL e IHGAL.

O sujeito na entrevista: memória e subjetividade

O primeiro entrevistado foi Zezito Guedes (morador de Arapiraca), autor de livros sobre a história e cultura do município e reconhecido memorialista local, procurado por inúmeros estudantes com a finalidade de partilhar oralmente seus estudos. O entrevistado reportou-se aos tempos de fundação da vila por Manoel André, fazendo inúmeras referências à remanescentes de familiares do mesmo que ainda residem no município. Ressaltou elementos importantes da cultura local como as trabalhadoras do fumo e seu canto que mais tarde foi perdendo a vitalidade e o incentivo nas gerações mais jovens. Tinha-se a idéia de que era uma distração desnecessária que poderia prejudicar a produção.

O intelectual Dirceu Lindoso (morador de Maceió) foi o segundo entrevistado em Arapiraca na ocasião de um Congresso de história. Falou de suas memórias sobre a colonização do norte de Alagoas (Alagoas Boreal); sua ligação com Porto Calvo e Maragogi; suas visitas a esses espaços, conversando com o povo do local para arrecadar material para seus livros (históricos e romanceados) além de desenhar mapas; seus estudos da guerra dos cabanos em Alagoas no século XIX – a importância das matas para os povos indígenas, camponeses e negros papa-méis (fugitivos dos engenhos); sua família e origem dos engenhos de açúcar; o avanço da plantação de cana-de-açúcar sobre as matas / florestas e a destruição ecológica provocada.

O próximo entrevistado será o jornalista Ivan Barros, responsável pela confecção do jornal Tribuna do sertão em Palmeira dos Índios, estudioso, escritor de livros e artigos e também reconhecido guardião da memória local.

Considerações Finais

Acreditamos que este seja um projeto extremamente importante para a valorização das memórias de alagoanos (as) que com suas práticas cotidianas contribuíram de forma

significativa para o desenvolvimento do estado. Por isso o acervo material digitalizado (de caráter permanente) promoverá a durabilidade dessas informações e deverá atrair pesquisadores de diversas gerações, áreas do conhecimento e demais interesses na história de Alagoas, além de constituir um importante instrumento de pesquisa para pessoas com deficiência visual. O estabelecimento de parcerias pela FUNESA com dois grandes órgãos de documentação do estado: MISAL e IHGAL contribuirão para a amplitude de divulgação desses dados no interior e na capital.

Podemos apontar três concretos e possíveis problemas têm dificultado a realização deste trabalho. Em **primeiro lugar**, uma redução da carga horária pretendida devido a compromissos inesperados, estado de saúde ou quantidade de informações a serem registradas pelos entrevistados. Em **segundo lugar**, o fornecimento de dados alterados pela subjetividade. Em **terceiro**, a restrição de partes dos depoimentos concedidos após a transcrição das fitas e retorno para revisão e permissão dos entrevistados.

No entanto, acreditamos que esses obstáculos estão sendo superados na medida em que o projeto envolve o resgate da auto – estima das pessoas selecionadas, sua valorização pública e manutenção de suas lembranças destinadas à posteridade.

Quanto à ausência de uma objetividade total, temos consciência da fronteira que separa a memória da história (baseados nos estudos de Pierre Nora (1984) e Jacques Le Goff (1985)), porém desejamos registrar a sedimentação da identidade alagoana no imaginário das pessoas entrevistadas a partir de suas relações com a memória e a história.

Referências Bibliográficas:

- ABREU, Martha; SOIHET, Raquel (Orgs). **Ensino de História. Conceitos, temáticas e metodologia**. RJ: Casa da Palavra, 2003.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade (lembrança dos velhos)**. SP: TA Queiroz, 1979.
- BURKE, Peter (Org.) **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.
- CANCLINI, Nestor Garcia. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, 23: 95-115, 1994.
- CHAUVEAU, A.; TÉTARD, Ph. **Questões para a história do presente**. SP: Edusc, 1999.
- COSTA, Icléia Thiesen Magalhães; GONDAR, Jô. **Memória e espaço**. RJ: 7Letras, 2000.
- DODEBEI, V. L. D. **O sentido e o significado de documento para a memória social**. RJ: UFRJ-ECO, 1997 (Tese de Doutorado em Comunicação e Cultura).
- FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. **Memória Social. Novas perspectiva sobre o passado**. Lisboa: Teorema, 1992.
- FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. (Orgs). **Usos e abusos da história oral**. RJ: FGV, 1996.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. SP: Vértice, 1990.
- JEUDY, Henry Pierre. **Memórias do social**. RJ: Forense Universitária, 1990.
- LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento In: **Enciclopédia Einaudi**, vol.1 (Memória – História). Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- LEMOS, M. T. B.; MORAES, N. A.; PARENTE, P. A. (Orgs). **Memória e Identidade**. RJ: 7Letras, 2000.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. RJ: Ed.34, 1993.

NORA, Pierre. Entre memória e história. In: **Les lieux de mémoire**. Paris: Galimard, 1984.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. RJ: Paz e Terra, 1992.